



A circulação da cultura no telejornalismo local: o Jornal do Almoço da RBS TV Santa Rosa¹

Rossana Zott ENNINGER²

Rogério Saldanha CORRÊA³

Flavi Ferreira LISBOA FILHO⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

O trabalho consiste na aplicação do Circuito da cultura, desenvolvido por Paul du Gay *et. al.* (1999), ao Jornal do Almoço local veiculado pela RBS TV de Santa Rosa/RS. O período de análise compreende a semana entre os dias 4 e 8 de novembro de 2013, tendo como base as notícias veiculadas na televisão e armazenadas no site do G1, que totalizaram o *corpus* de 22 notícias. Neste sentido, procura-se inserir e relacionar cada um dos eixos do circuito – produção, consumo, regulação, representação e identidade – com o telejornal, sob a teorização dos Estudos culturais.

Palavras-chave: Circuito da cultura; Estudos culturais; Identidade; Jornal do Almoço; RBS TV Santa Rosa.

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar o Jornal do Almoço local da RBS TV Santa Rosa a partir do Circuito da cultura elaborado por Paul du Gay *et al.* (1999). O JA veiculado ao meio dia tem cerca de 45 minutos de duração total, sendo que destes, um bloco, o equivalente a 8 minutos diários, são de produção de conteúdos direcionados para a região de Santa Rosa, uma área de cobertura de 69 municípios com aproximadamente 600 mil habitantes da região noroeste do Rio Grande do Sul.

Não é do intuito deste trabalho realizar uma análise minuciosa dos telejornais, mas sim, observar de que maneira a cultura, a partir de cada um dos eixos do Circuito, pode ser percebida no Jornal do Almoço local. Para tanto, utilizam-se de 22 notícias que

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Participante do GP Audiovisualidades e estudos culturais registrado CNPq/UFSM, email: rozeninger@gmail.com

³ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Participante do GP Audiovisualidades e estudos culturais registrado CNPq/UFSM, email: rogeriosaldanha.rp@gmail.com

⁴ Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Pesquisador líder do GP Audiovisualidades e estudos culturais registrado CNPq/UFSM, email: flavilisboa@gmail.com



foram divulgadas no decorrer de uma semana na televisão e armazenadas no site do G1, o portal de notícias da Rede Globo e integrado pelas afiliadas do país, que permite que as notícias sejam assistidas novamente após a exibição na TV. A escolha do período se deu de maneira aleatória, compreendendo entre os dias 4 e 8 de novembro de 2013.

O referencial teórico compreende os Estudos culturais britânicos e o conceito de cultura por eles pesquisado, especialmente por Williams (1979), que compreende a cultura como um processo social fundamental, que modela modos de vida e as noções de identidade e diferença, referenciadas em Hall (1999) e Woodward (2000).

Desta maneira, compreender como cada uma das instâncias do Circuito – produção, consumo, regulação, representação e identidade – podem ser observadas a partir de um produto cultural midiático, no telejornalismo local.

A cultura e os Estudos culturais

Ao longo dos anos, diversas pesquisas desenvolvidas nas ciências sociais, como também na comunicação, encontram na cultura o eixo condutor das suas reflexões. Porém, alicerçar uma definição de cultura, por si só, já se constitui em um esforço, justamente pela abrangência e a diversidade de concepções que o conceito recebeu de uma época para outra.

Na obra “A noção de cultura nas ciências sociais”, Denys Cuhe (2002) explora diversas caracterizações do conceito de cultura, em diferentes contextos históricos, desde as mais básicas, entendendo cultura como o cultivo de plantas ou animais, cultura como artes, relacionada ao conjunto de valores e crenças de uma determinada sociedade ou do indivíduo, até o reconhecimento de que a complexidade do termo é notável para ser reduzida de modo simplista.

Uma das preocupações dos teóricos que desenvolveram o que ficou conhecido como Estudos culturais era buscar o entendimento de cultura em suas diferentes formas. Os Estudos culturais surgem primeiramente na Inglaterra, na década de 50, com os trabalhos de Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Palmer Thompson, no conhecido *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), organizado em 1964 e ligado à Universidade de Birmingham.

Apesar de divergências de pensamento entre os três fundadores dos Estudos culturais britânicos, eles compartilhavam preocupações que abrangiam as relações “entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e



práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, vão compor o eixo principal de observação do CCCS” (ESCOSTEGUY, 2010, p.27).

Os Estudos culturais não são uma disciplina de estudos, como explica Johnson (2006), mas se configuram como sendo um campo de estudos interdisciplinar, onde as diversas disciplinas têm como ponto de estudo em comum os aspectos culturais de determinada sociedade, tendo como característica a multiplicidade de objetos de análise.

Os estudos culturais não dizem respeito apenas ao estudo da cultura. Nunca pretenderam dizer que a cultura poderia ser identificada e analisada de forma independente das realidades sociais concretas dentro das quais existem e a partir das quais se manifestam (BLUNDELL ET AL., 1993, p.2 *apud* ESCOSTEGUY, 2010, p.33).

Sob esta visão, a cultura só poderia ser compreendida com base na sociedade em que está inserida. Foi nesse campo que Williams (1979), de origem humilde e que ingressou na universidade, desenvolveu suas definições e significados de cultura, a partir de contextos sociais desiguais e da necessidade de compreender o mundo, para então ser possível apontar caminhos para modificá-lo. Conforme o autor, “[...] usamos a palavra cultura nesses dois sentidos, para designar um modo de vida – os significados comuns – e para designar as artes e o aprendizado – os processos especiais de descoberta e esforço criativos. [...] A cultura é de todos, em toda sociedade e em todos os modos de pensar” (WILLIAMS, 1958, *apud* CEVASCO, 2001, p.118).

A partir das pesquisas e das reflexões sobre os contrastes sociais que existiam, conforme a época, e do seu contato com o marxismo desde o início de seus estudos literários em Cambridge, Williams (1979, p.12) propõe uma teoria materialista da cultura. Resumidamente, ele descreve o materialismo cultural como “uma teoria das especificidades da produção cultural e literária material, dentro de um materialismo histórico”.

O autor supracitado reconhece, ainda, que nenhum dos conceitos com que trabalha são essencialmente marxistas, apesar de terem contribuições significativas do marxismo. A principal preocupação neste aspecto pode ser entendida como a compreensão da totalidade e da especificidade dos conceitos, isto é, há a descrição dos usos específicos marxistas, como também os situa dentro de uma evolução mais geral, em que as diferentes formas de pensamento se encontram e influenciam-se mutuamente.

Na trajetória de pesquisas dos Estudos culturais houve momentos em que o foco concentrou-se nos estudos das culturas populares, nos meios de comunicação, na



recepção e densidade dos consumos midiáticos, nas diferenças de gênero (especialmente com a emergência do feminismo). Os objetos de análise passaram por momentos de transformação, assim como a sociedade, sendo que em determinadas épocas uma abordagem era privilegiada em relação à outra. Como explica Escosteguy (2010, p.44-45),

[...] cada vez mais o objeto de investigação se diversifica e se fragmenta. Contudo, no ponto de encontro destas duas frentes, comunicação e estudos culturais, identifica-se uma forte inclinação em refletir sobre o papel dos meios de comunicação na constituição de identidades, sendo esta última a principal questão deste campo de estudos na atualidade.

A cultura não pode ser estudada de maneira isolada, da mesma maneira que o indivíduo não “recebe” a cultura como algo pronto, definitivo, ao longo de sua educação, de seu convívio em sociedade. Pelo contrário, essa “apropriação” da cultura acontece no decorrer do curso de vida, à medida que adquire experiência. São as experiências e os modos de vida como um todo que constituem a cultura, como interpretado por Williams.

Não pode mais ser secundária, mas vista como algo com caráter epistemológico, que diz respeito ao lugar a partir do qual é necessário posicionar-se para pensar a sociedade. É a virada cultural de que tratam os textos dos Estudos culturais. E a cultura não está acima de economia e política, mas está presente em tudo, embora seja regulada por pressões de poder. Através das interações sociais essa cultura é compartilhada de alguma maneira. Daí decorre a associação da cultura, do reconhecimento de diferentes práticas culturais e pertencimentos, com a identidade, que permite que os indivíduos se definam culturalmente.

Para falar de identidade, também precisamos buscar uma definição do termo, que a partir de Castells (1999, p.22), pode ser compreendida como fonte de significado e de experiência de um povo, como o “processo de construção de significado com base em um atributo cultural”. As identidades são construídas, valendo-se para tanto de elementos da história, da geografia, de instituições e memórias coletivas, organizações e aparatos de poder, da religião, que são processados e reinterpretados pelos indivíduos e grupos sociais, construindo e reconstruindo seus significados.

Kathryn Woodward (1999, p.54) explica que a diferença exerce a função definidora das identidades, uma vez que permite a construção de fronteiras simbólicas entre o “eu” e o “outro”. A construção identitária se dá por meio do tensionamento das



diferenças, o que pressupõe selecionar e excluir marcas representativas com as quais o sujeito possa se identificar.

Assim sendo, a marcação da diferença e o reconhecimento das diferentes culturas e identidades permite que os indivíduos reconfigurem-se constantemente. A descoberta da identidade, por meio das diferenças, não acontece isoladamente, da dedicação de um indivíduo sozinho, mas sim através das negociações, das relações dialógicas com os outros.

As relações e práticas sociais não permanecem as mesmas no decorrer da história, há a adaptação de alguns comportamentos, novos pensamentos surgem ou outros são recuperados. Algumas vezes, alguns costumes podem ser tão marcantes que ganham sentidos próprios, funcionando como um conceito comum de identidade.

A identidade, junto com a representação, produção, regulação e consumo, compõe os eixos do Circuito da cultura que Paul du Gay et al. (1999) desenvolveram para estudar a cultura e suas diferentes práticas. Para além de privilegiar uma instância ou outra, focar um aspecto ou outro da cultura, o Circuito cumpriria a função de dar a visibilidade de todo o processo de estudo de um produto cultural.

O JA e a circulação cultural

A análise proposta centra-se na articulação dos conceitos do circuito cultural com o produto telejornalístico *Jornal do Almoço local da RBS TV Santa Rosa*, procurando relacioná-lo e identificar os elementos que compõem cada uma dessas dimensões. As 22 notícias que dão corpo ao período desta análise servem então como fonte para a aproximação com cada um dos eixos do circuito: produção, consumo, regulação, representação e identidade. Como é um circuito, não há um ponto de partida fixo e determinado, pois a articulação entre cada um dos elementos permite que qualquer um deles seja abordado inicialmente, como também um eixo não é totalmente desvinculado do outro, mas sim se imbricam mutuamente.

Neste trabalho, parte-se então do eixo da *produção*, que diz respeito aos processos envolvidos na elaboração de um produto cultural, ao passo que “abarca também as distintas narrativas que se associam à invenção desses mesmos produtos” (ESCOSTEGUY, 2009, p.10). Assim sendo, a instância da produção compreende desde as condições e os meios de produção até o texto/produto elaborado.



Nesta lógica, como parte da produção temos as características que compõem o Jornal do Almoço, telejornal veiculado ao meio dia pela RBS TV. Na emissora de Santa Rosa, há apenas um bloco do telejornal de produção e veiculação regional, compreendendo os 69 municípios da sua abrangência; os demais são de produção estadual, da emissora de Porto Alegre. A duração média desse bloco local é de cerca de 8 minutos diários, que é apresentado pela atual coordenadora de telejornalismo Lisiane Sackis, que integra a equipe desde a inauguração da emissora na cidade, em 28 de agosto de 1992.

A região de cobertura da RBS TV Santa Rosa e a sua sucursal na cidade de Santo Ângelo atingem cerca de 600 mil pessoas em municípios dos Coredes (Conselho Regional de Desenvolvimento) Fronteira Noroeste, Missões e Celeiro, representando uma área territorial de 23 mil km².

Assim como nas demais emissoras do Grupo RBS, o Jornal do Almoço de Santa Rosa tem como formato característico o de revista eletrônica, que de certa maneira enquadra-se como entretenimento, uma vez que reúne “vários formatos: telejornalismo, quadros humorísticos, musicais, reportagens, enfim, assuntos diversos como os enfocados por revistas impressas” (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p.130 *apud* TORRES, 2011, p.5). O JA traz diariamente desde as notícias factuais até reportagens e conteúdos de entretenimento, como entrevistas e apresentações de artistas.

No período observado neste trabalho, podemos notar que há a prevalência do discurso local, uma vez que as notícias produzidas pelo telejornal têm como fonte de informação e destinatário o público local, de Santa Rosa e região. As notícias são relevantes regionalmente, uma vez que retratam situações e acontecimentos de lugares próximos do telespectador e dizem respeito aos municípios e população que ali estão inseridos. Como exemplo, a reportagem sobre a mobilização de entidades de Santo Ângelo para atender casos de violência doméstica ou os serviços prestados pelas universidades de Santa Rosa, Três de Maio e Santo Ângelo.

Entretanto, nem todas as localidades são englobadas no telejornal, visto que a diversidade de cidades e informações é ampla, caindo então nos critérios de noticiabilidade e relevância para a comunidade regional, que tenham, de certa maneira, uma maior repercussão ou impacto. Apenas as notícias de algumas das cidades da região são divulgadas, as demais não são selecionadas. A tabela abaixo contribui para corroborar esta interpretação, uma vez que traz as principais temáticas e localidades abordadas em cada uma das edições do JA, bem como o tempo de duração.



	Notícia	Cidade	Tempo
04 de novembro	Menino leva alegria ao Lar do Idoso	Três de Maio Horizontina Independência Dr. Maurício Cardoso	2'03''
	Entidades se mobilizam para atender casos de violência doméstica	Santo Ângelo	2'18''
	Ampliação de um dos acessos a Santa Rosa	Santa Rosa	0'50''
	Autor de crime se entrega à polícia	Santa Rosa	0'23''
05 de novembro	Serviços prestados à comunidade por estudantes de ensino superior	Santa Rosa	2'04''
	Ovelha apresenta caso raro de genética	Porto Mauá	1'42''
	A falta de medicamentos é um dos principais problemas	Santo Ângelo	3'30''
	Acidente envolve ônibus escolar e uma escavadeira	Barra do Guarita	0'22''
06 de novembro	Dois vereadores da região são cassados pelo TRE	Tucunduva Porto Xavier	0'30''
	Prisão por tráfico de drogas	São Luiz Gonzaga	0'30''
	Clínica Escola de Psicologia	Três de Maio	3'02''
	Jogos Taça RBS em Santo Ângelo	Santo Ângelo Santa Rosa Nova Candelária São Luiz Gonzaga	0'46''
	Mandados de busca e apreensão são cumpridos	Tiradentes do Sul	2'07''
	Entrega de viaturas para a polícia civil	Santa Rosa Tucunduva Três de Maio Tuparendi Campina das Missões	0'25''
07 de novembro	Jogos Taça RBS Futsal	Tenente Portela Horizontina Tucunduva Campina das Missões	0'49''
	Convênio entre universidade e Procon	Santa Rosa	3'03''
	Operação Araraquara prende 40 pessoas	Santa Rosa	2'22''
08 de novembro	Evento homenageia atletas	Santa Rosa	1'17''
	Saúde destaque nos serviços prestados pelo IESA	Santo Ângelo	1'57''
	Acidente deixa pessoa morta	Cerro Largo	0'22''
	Princípio de rebelião no presídio	São Luiz Gonzaga	0'49''
	Música ao vivo com Rogério Magrão	Campina das Missões	2'44''



Seguindo este raciocínio, caímos na relação das notícias com o tempo de duração do telejornal, que é limitado. A diversidade de assuntos que são trazidas diariamente não é ampla, sendo que foram abordadas 22 pautas nas edições ao longo da semana: 4 na segunda-feira, 4 na terça-feira, 6 na quarta-feira, 3 na quinta-feira e 5 na sexta-feira, como já demonstrado na tabela acima. Em cada edição há uma variedade no tempo dedicado a cada um dos assuntos: há notas de assuntos factuais como acidentes de trânsito, jogos de futsal da Taça RBS, prisão por tráfico de drogas e assassinato, cassação de mandato de vereadores, que tem em média trinta segundos de duração; há série de reportagens sobre os serviços prestados por universidades à comunidade, reportagens sobre apreensão por fraude em licitações públicas e prisão por tráfico de drogas, falta de medicamentos em postos de saúde, caso de ovelha com alteração genética, melhorias em estradas, projeto de combate à violência doméstica, relação de solidariedade com o lar do idoso, que oscilam entre um minuto e três minutos de duração; além disso, há entrevista no estúdio a respeito de homenagem aos atletas de Santa Rosa e apresentação de artistas que realizam show na região no final de semana, com duração de dois a três minutos.

Já o *consumo* está relacionado com a instância da recepção, com as apropriações que são feitas pelo telespectador e os sentidos construídos pelos sujeitos. Nesta dimensão, o contato do telespectador com a emissora através dos telejornais pode ser constatado pelos dados de audiência, que em junho/julho de 2013 atingiu 26,8 pontos de audiência e *share* de 67,10%.

De outro modo, pensando-se a veiculação do telejornal a partir do site do G1, temos a possibilidade da ampliação dessa área de abrangência, não ficando o consumo restrito à região de cobertura territorial. Esse processo de convergência de meios faz com que o consumo online desvincule o receptor da técnica televisiva em si, não o restringindo ao alcance do sinal da TV para que assista o telejornal.

Com isto, o contato com o telejornal e a emissora proporciona uma identificação dos sujeitos, que contribui para a efetivação do consumo, uma vez que o telespectador conhece os atores sociais que estão envolvidos, como apresentadora e repórteres, conhece o cenário do programa e muitos dos lugares e assuntos que são divulgados diariamente no jornal.

Esta busca por aproximação com o telespectador também pode ser notada em alguns dos assuntos veiculados, como a pauta sobre o Lar do Idoso de Três de Maio, em



que se mostra o trabalho da entidade e pede-se que a comunidade colabore com doações.

Como características que compõem o eixo da *regulação* temos as normas e determinações que regularizam os sentidos que circulam, tanto no meio como nos ordenamentos sociais. Como explicado por Hall (1997, p.16) a questão central “é que *não* se trata de uma opção entre liberdade e restrição, mas entre *modos diferentes de regulação*, cada qual representa uma combinação de liberdades e restrições” (grifos do autor).

Neste sentido, as principais regulações que podem ser percebidas estão na relação entre as emissoras: a de Santa Rosa em relação à de Porto Alegre, e esta por sua vez com a Rede Globo, de quem é afiliada. Da mesma maneira que a Globo disponibiliza espaços pré-determinados de programação para suas emissoras afiliadas, que na RBS representa 15% da programação, a emissora de Santa Rosa depende de espaços na grade para produção de seus conteúdos regionais. Estes correspondem a um bloco do Jornal do Almoço com aproximadamente oito minutos de duração, um bloco do RBS Notícias, com cerca de quatro minutos, e o boletim Redação RS, com cerca de dois minutos de duração.

Desta maneira, a restrição de produção de conteúdos locais está atrelada principalmente ao espaço de tempo disponível na grade, que corresponde a cerca de quinze minutos diários.

Também a observação aos padrões da própria RBS e da Globo, por sua vez, tanto na utilização de cenários de estúdio, na apresentação de repórteres e apresentadores diante das câmeras, enquadramentos utilizados, como também na maneira como o telejornal é disponibilizado na página do G1 (dividido conforme as notícias, “fatiado” conforme os assuntos e não exibido na íntegra e em sequência como veiculado ao vivo) são normativas que cada uma das emissoras necessita obedecer e regularizar-se a partir delas.

Ainda como forma de regulação, podemos destacar a limitação em termos de equipe de jornalistas disponíveis para atuação na emissora, o que obedece a normas da organização e impede a ampliação das produções.

A instância da *representação* diz respeito aos sentidos que são produzidos através dos discursos. A partir destes, constroem-se os significados. Como explica Hall (1997, p.15), a “representação é uma parte essencial do processo pelo qual o sentido é



produzido e trocado entre membros de uma cultura. Ele envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que respondem por ou representam coisas”.

A partir da leitura das edições do Jornal do Almoço, ao longo da semana aqui observada, podemos dizer que o telejornal é capaz de apontar para as identidades dos sujeitos. Por meio dos conteúdos divulgados, constrói-se uma representação de identidades.

Quando são divulgados assuntos como a apreensão por tráfico de drogas, investigação de fraudes públicas, por exemplo, é possível interpretar uma representação de serviço público, de uma garantia dos direitos do cidadão à justiça, que cabe aos órgãos responsáveis para tanto fiscalizar e punir os culpados. Já quando são noticiados acidentes de trânsito há uma representação de vítima, que acaba sofrendo as consequências do descuido dos sujeitos.

Na série de reportagens especiais sobre as instituições de ensino superior e as atividades de extensão realizadas por estas, como escritório modelo de direito, clínica psicológica e de fisioterapia, além da representação de desenvolvimento e de qualidade de ensino, podemos identificar um sentimento de comunidade, de relação e colaboração entre a instituição e a sociedade onde ela está inserida e a quem dirige suas atividades.

A partir das notas de esporte, além do espírito de competição que caracteriza os jogos, nota-se também a necessidade de integração entre as comunidades, utilizando-se da Taça RBS e da promoção da emissora como uma forma de inserir-se regionalmente.

As pautas de saúde, como a falta de medicamentos nas farmácias, as pautas de política, como a cassação de mandatos de vereadores, e de trânsito, como melhorias nos acessos urbanos, servem como uma representação da cidadania, dos direitos de qualidade de vida nas áreas urbanas. Em contrapartida, na reportagem que mostrava a criação de ovelhas, além do fato curioso do animal apresentar uma anomalia genética rara, há a representação de uma comunidade rural, do indivíduo agricultor e pecuarista, do homem do campo que também faz parte da região.

Já em relação às cidades que são divulgadas de alguma maneira, a representação regional fica restrita a apenas alguns municípios, especialmente Santa Rosa, que tem pelo menos uma notícia em todas as edições, e também Santo Ângelo, onde se localiza a sucursal. Pode-se incluir aí ainda Três de Maio, Tucunduva, Porto Xavier, São Luiz Gonzaga, Tiradentes do Sul, Tuparendi, Campina das Missões, Porto Mauá, Barra do Guarita, Cerro Largo, Tenente Portela e Horizontina. Se tomarmos por base o quantitativo, veremos a representação de 14 municípios no decorrer da semana,



enquanto que os 55 municípios restantes não aparecem ou são desprezados pelo telejornal. Novamente, cabe consultar a tabela apresentada acima para corroborar estas informações.

Por último, a partir destas interpretações pode-se pensar a *identidade*, que representa a composição dos sujeitos a partir da representação. Como também afirma Hall (1997, p.8), a identidade surge a partir da relação entre conceitos e definições que são representados pelo discurso de uma cultura, como também pelo desejo “de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós por alguns dos discursos [...] em resumo, de investirmos nossas emoções em uma ou outra daquelas imagens, para nos *identificarmos*”.

Desta feita, pensa-se na identidade que está presente no Jornal do Almoço da RBS TV de Santa Rosa. Há uma relação com a identidade regional, uma vez que há a identificação dos telespectadores com os assuntos que são divulgados, pela questão de sua proximidade e relação com os acontecimentos.

Não há uma identidade estática ou única, uma vez que, como argumenta Hall (1999, p.13), os sujeitos podem assumir identidades diversas, conforme as situações e épocas em que se encontram, “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis”.

O JA, então, apresenta uma multiplicidade identitária, especialmente pela diversidade de temas e personagens que são representados em cada uma das reportagens. Há uma identidade rural e interiorana, a partir dos temas relacionados com as realidades dos agricultores, como da mesma maneira há uma identidade de urbanidade, a partir dos assuntos mais relacionados com a vida nas cidades.

Independente disso, o telejornal procura sempre uma relação com o telespectador, tentando aproximá-lo da realidade regional, dos repórteres e apresentadora, buscando a inserção e integração da televisão com o cotidiano do público.

Enfim, nota-se que o Jornal do Almoço da RBS TV Santa Rosa tem características e procura uma identidade próxima da comunidade onde se encontra. Contudo, a multiplicidade muitas vezes passa despercebida, visto que há uma variedade de assuntos e realidades que não chegam a figurar no telejornal.



Considerações finais

Ao findar este breve estudo a respeito da circulação da cultura no Jornal do Almoço local da RBS TV Santa Rosa podemos afirmar que, embora haja a preocupação em inserir-se e aproximar-se do telespectador, noticiando assuntos que façam parte da realidade regional de alguma maneira, muitos assuntos deixam de ser noticiados.

Pensar cada um dos eixos do circuito contribui para a análise do processo cultural como um todo, buscando sempre o contexto envolvido nas práticas culturais da mídia, como também, da sociedade.

Analisar a instância da produção, com as práticas jornalísticas envolvidas, mas não desconsiderando o texto, neste caso o televisivo. O consumo e os usos que a audiência faz daquele conteúdo, as interpretações que surgem e os sentidos que são produzidos a partir deste eixo. A regulação, assim como as outras instâncias, não pode ser desconsiderada, uma vez que funciona como o ordenamento que caracteriza principalmente a produção, mas relaciona-se com as demais “segmentações” do circuito, influenciando-se mutuamente.

Grosso modo, podem-se pensar quais as representações que se destacam na programação. Muitas acabam sendo excluídas ou não recebendo o mesmo direcionamento que outras, como se percebe a partir das cidades que são representadas no telejornal ou a prevalência de assuntos urbanos em detrimento de pautas rurais, por exemplo, no período aqui observado.

Questiona-se, então, como a cultura da mídia televisiva local contribui para a construção e a afirmação das identidades dos sujeitos. A identidade é, antes de tudo, uma construção da linguagem, assim como a representação também se dá por meio dela, como já explicada por Hall (1997) e também por Kellner (2001). A partir disto, muitas vezes, as representações deixam de ser apenas simbólicas e passam a constituir-se como prática social, constituindo-se culturalmente.

E é sob esta dimensão que devemos pensar a mídia e as suas representações, como algo constituído e constituinte de cultura. Além de mediadora social e do seu papel na vida cotidiana, a mídia é também uma matéria-prima para pensar as representações. Isto tudo, sem desconectar as representações midiáticas do cultural cotidiano, uma vez que os significados são produzidos na história e na cultura.



Referências

- CASTTELS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, Edusc, 2002.
- DU GAY, Paul, HALL, Stuart, JANES, Linda, MACKAY, Hugh, NEGUS, Keith. **Doing cultural studies: The story of Sony walkman**. London: Sage, 1999.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. ed. on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Quando a recepção já não alcança: os sentidos circulam entre a produção e a recepção. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. E-Compós, Brasília, vol. 12, nº 1, p. 1-15, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/348/318>>. Acesso em: 02 de nov. 2013.
- HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Thompson, Kenneth (org.) Media and Cultural Regulation. Inglaterra, 1997. Publicado Educação & Realidade com a autorização do autor. Tradução e revisão de Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 3.ed. 1.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.9-38.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- TORRES, Carla. INFOtenimento na televisão: a tênue fronteira entre informação e entretenimento no encontro do telejornal com a revista eletrônica. In: Seminário Internacional Análise de Telejornalismo: Desafios teórico-metodológicos, 2011, Salvador/BA. Anais do Seminário Internacional Análise de Telejornalismo: Desafios teórico-metodológicos, 2011. Disponível em: <http://analisedetelejournalismo.files.wordpress.com/2011/08/torres_carla.pdf>. Acesso em: 20 de nov. 2013.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 1º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. (p.7-72)
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.